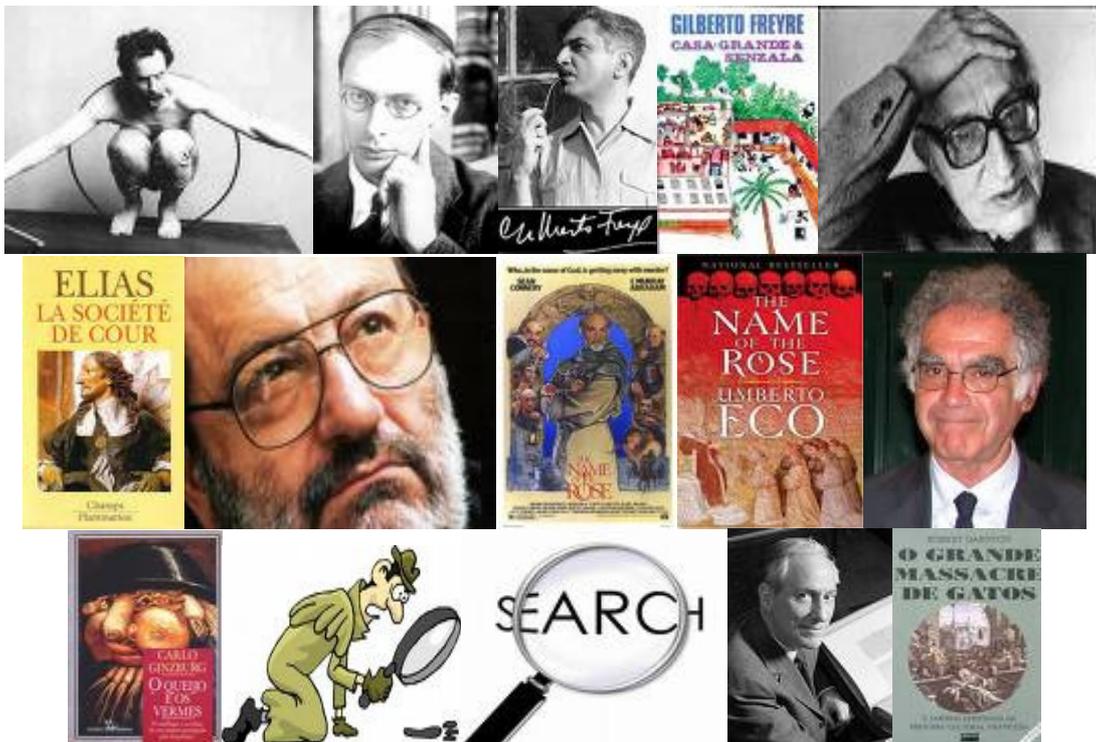


# RAÍZES DO PARADIGMA INDICIÁRIO

Por **CLAUDIO MARCIO COELHO**



# Capítulo 1

## O Indiciarismo na Prática de Caçadores, Adivinhos e Médicos

### 1.1. *Sinais de Fumaça: A Sociedade dos Caçadores-Coletores e o Paradigma Venatório.*

O historiador italiano Carlo Ginzburg está empenhado na construção de um projeto intelectual ambicioso<sup>1</sup>. Seu esforço teórico-metodológico consiste na pesquisa de um método que considera milenar, que remonta as origens da própria humanidade. Este método está fundamentado na investigação de “pistas”, “sinais” ou “indícios” reveladores acerca dos fenômenos da realidade: trata-se do *Método Indiciário*.

A pesquisa sobre as raízes do *Paradigma Indiciário*<sup>2</sup> conduziu Ginzburg a um precioso insight: se “a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas – sinais, indícios – que permitem decifrá-la”<sup>3</sup>. Ademais, “o que caracteriza esse saber é a capacidade, a partir de dados aparentemente negligenciáveis, de remontar a realidade complexa não experimentável diretamente”<sup>4</sup>.

Segundo Ginzburg, a investigação baseada em indícios fazia parte do cotidiano dos primeiros grupos humanos, principalmente nas técnicas utilizadas pelos caçadores-coletores do Neolítico.

Por milênios o homem foi caçador. Durante inúmeras perseguições, ele aprendeu a reconstruir as formas e movimentos das presas invisíveis pelas pegadas na lama, ramos quebrados, bolotas de esterco, tufo de pêlos, plumas emaranhadas, odores estagnados. Aprendeu a farejar, registrar, interpretar e classificar pistas infinitesimais como fios de barbas. Aprendeu a fazer operações com rapidez

---

<sup>1</sup> Este ambicioso projeto consiste no esforço guinzburgiano para a teorização e sistematização do *Paradigma Indiciário* nas ciências humanas e sociais. Este projeto começou a adquirir contornos científicos decisivos em sua obra a partir de 1980, com os ensaios: ‘**O nome e o como: troca desigual e mercado historiográfico**’ (reprodução, com algumas variantes, de uma comunicação lida no congresso “*Le Annales e la storiografia italiana*”. Roma, 1979) e ‘**Sinais: raízes de um Paradigma Indiciário**’, do livro *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história* (1986).

<sup>2</sup> Interpretamos *indiciarismo* como uma orientação de pesquisa baseada na investigação dos detalhes, que encaramos como indícios, pistas, sinais ou sintomas. O *método indiciário* constitui o uso do indiciarismo como ferramenta de pesquisa. Ademais consideramos o *paradigma indiciário* como um conjunto de princípios e procedimentos teórico-metodológicos que orientam a elaboração do conhecimento a partir da investigação e análise dos indícios.

<sup>3</sup> GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. – São Paulo: Cia. das letras, 1989. p.177.

<sup>4</sup> *Ibid.*, p.152.

fulminante, no interior de um denso bosque ou numa clareira cheia de ciladas. [...] O caçador teria sido o primeiro a ‘narrar uma história’ porque era o único capaz de ler, nas pistas mudas uma série coerente de eventos. ‘Decifrar’ ou ler’ as pistas dos animais são metáforas.<sup>5</sup>

Estudos sobre os primeiros grupos humanos corroboram as proposições de Ginzburg. Em *Origens* (1977), os antropólogos-arqueólogos Richard Leakey e Roger Lewin revelam aspectos importantes da vida humana no período Neolítico. As relações entre os caçadores-coletores estavam marcadas por laços estreitos de sociabilidade. As conversas em volta do fogo representavam momentos importantes de trocas de experiências, sentimentos e emoções, transmissão de informações e aprendizado mútuo. Estes momentos promoviam o fortalecimento dos laços sociais. A linguagem falada, por sua vez, permitia a narração de acontecimentos sobre o dia-a-dia do grupo.

Assim, enquanto as chamas mantinham afastados os possíveis predadores, estavam também aproximando as pessoas, dando-lhes a oportunidade de contar histórias e criar mitos e rituais, como também de planejar as atividades do dia seguinte – tais como, quem tentaria a sorte na caça, quem formaria um bando a fim de colher suprimentos de plantas alimentícias para vários dias e quem permaneceria no acampamento.<sup>6</sup>

Diversos pesquisadores ligados a Universidade de Harvard – EUA, desde 1963, têm estudado os !Kung San, que vivem próximos à fronteira de Botswana e Namíbia, ao norte do deserto de Caalari, na África. Os !Kung guardam características tradicionais importantes de um grupo de caçadores-coletores. O estudo destes caçadores contemporâneos revelou aspectos importantes da prodigiosa capacidade de percepção e intuição dos primeiros grupos humanos, pois a caça exige a investigação minuciosa de pistas – rastros deixados pelos animais. Segundo Leakey, os caçadores !Kung usam um elaborado sistema de sinais manuais para comunicar aos demais o tipo de animal, sua idade aproximada, seu estado de saúde e se está apressado ou apenas vagueando. Estas informações são inferidas principalmente pelo rastro do animal.

---

<sup>5</sup> Ibid., p.151-2.

<sup>6</sup> LEWIN, Roger e LEAKEY, Richard E. **Origens: o que novas descobertas revelam sobre o aparecimento de nossa espécie e seu possível futuro**. 3. ed. – São Paulo: Melhoramentos; Brasília: Ed. UNB, 1981. p.151-2.

Richard Leakey aprofunda suas investigações sobre o tema na obra *A evolução da humanidade* (1981). Nela, discute a habilidade requerida pela caça e coleta de alimentos. Para o autor, os “caçadores precisam saber identificar o animal pelo rastro, assim como perceber sua idade, há quanto tempo passou pelo local, se estava correndo ou à toa, e se estava ferido ou não”.<sup>7</sup>

A divisão de tarefas sociais entre a coleta (para as mulheres) e a caça (para os homens) deve ser compreendida em um contexto maior. Não resulta simplesmente dos fatores decorrentes das diferenças físicas entre homens e mulheres. As longas distâncias a serem percorridas pelos caçadores no rastro da presa, o silêncio e o movimento furtivos durante o assalto final dificultam a participação das mulheres, que estão mais ligadas aos filhos pequenos por causa da amamentação.

Segundo Patrícia Draper, as “...mulheres !Kung, como os homens, prestam muita atenção às pegadas de animais ao atravessarem os campos: e, quando voltam para casa à tardinha, relatam aos homens os movimentos recentes da caça”<sup>8</sup>. Para Leakey, as habilidades e conhecimentos empregados na caça e na coleta, constituem uma força poderosa no processo de hominização. Estas atividades contribuíram para o desenvolvimento de várias capacidades humanas: o raciocínio lógico, a abstração, a percepção, a intuição e a imaginação.

Edgar Morin, em *Le paradigme perdu: la nature humaine* (1973), traduzido no Brasil como *O enigma do homem: para uma nova Antropologia* (1979), aponta alguns aspectos reveladores do cotidiano dos primeiros grupos humanos, e como as atividades ligadas à caça exigiam o aprimoramento da capacidade observadora e intuitiva. Desta forma, “a vigilância, a atenção, a astúcia tornaram-se vitais; é preciso poder interpretar em sinais os movimentos mais ínfimos, em indícios os vestígios mais sutis, é preciso estar sempre alerta, individual e coletivamente, para a defesa e, se for preciso caçar, para o ataque”.<sup>9</sup>

---

<sup>7</sup> LEAKEY, Richard E. *A evolução da humanidade*. – São Paulo: Melhoramentos e Círculo do Livro; Brasília: Ed. UNB, 1981. p.108.

<sup>8</sup> DRAPER apud LEAKEY, Ibid., p.109.

<sup>9</sup> MORIN, Edgar. *O enigma do homem: para uma nova antropologia*. 2. ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 1979. p.64.

Morin afirma que a caça deve ser compreendida como um fenômeno total na evolução humana. A caça envolve um conjunto multifacetado de fatores que suscitou novas aptidões.

A caça na savana habilita e habilita o homínida: faz dele intérprete de um número muito grande de stimuli sensoriais ambíguos e tênues que se transformaram em sinais, indícios e mensagens, com o reconhecedor transformando-se em conhecedor. A caça faz com que a inteligência tenha de se haver como o que há de mais hábil e de mais astuto na natureza, o animal-presa e o animal-predador, com ambos dissimulando-se, esquivando-se, enganando-se. [...] Estimula aptidões estratégicas: a atenção, a tenacidade, a combatividade, a astúcia, o ardil, o engodo, a armadilha, a espreita.<sup>10</sup>

O homo-sapiens aprimorou suas ações voltadas à caça de forma nunca antes alcançada. Sua busca do novo possibilitou outras descobertas. Ele já não dependia apenas do acaso e da força física, pois aprendeu a valorizar os sinais e indícios infinitesimais. Sua engenhosidade não estava associada apenas à confecção de armas ou armadilhas mais sofisticadas, mas também na capacidade de investigação dos rumos e características do animal que desejava. Morin interpreta este processo como um fenômeno total, considerando seus aspectos biopsicossociais.

André Bourguignon, em *L'Homme imprévu: histoire naturelle de l'homme 1* (1989), reforça a importância da cooperação e da linguagem gestual na elaboração de ações eficientes da caça em grupo. Bourguignon chama atenção para um aspecto importante de nossa evolução: a capacidade cooperativa dos caçadores-coletores. A investigação de indícios deixados pelos animais exigia a cooperação eficiente de todos os membros da comunidade.<sup>11</sup>

Em *Os humanos antes da humanidade: uma perspectiva evolucionista* (2003), Robert Foley alerta os pesquisadores quanto à supervalorização da caça como gatilho do desenvolvimento das características humanas. Para Foley, embora a caça seja um

---

<sup>10</sup> Ibid., p.67.

<sup>11</sup> BOURGUGNON, André. **História natural do homem: o homem imprevisto 1**. Coleção “Ciência e Cultura”. – Rio de Janeiro: Zahar, 1990. p.181.

aspecto importante na evolução, não constitui seu fator decisivo<sup>12</sup>. O autor destaca os fatores sociais complexificantes da história humana: “A evolução da humanidade é o resultado da interação específica de uma espécie com uma história social complexa entrando em contato com um meio ambiente novo e gratificante...”<sup>13</sup>

O alerta de Foley é importante. Contudo, não invalida a análise das raízes do método indiciário na história social. A importância atribuída à caça não advoga a supremacia desta atividade na evolução da humanidade, mas pretende tão somente identificar e interpretar a *investigação humana da realidade* baseada em indícios. O uso do método indiciário não estava restrito as atividades ligadas à caça. A investigação indiciária estava presente em todas as atividades humanas que dependiam estritamente da análise dos detalhes. Atividades relacionadas à alimentação, proteção, invenção, religião, guerras, entre outras.

Em *A evolução cultural do homem* (1986), Gordon Childe demonstra como a caça e a coleta envolviam atividades e habilidades que permitiram o aprimoramento das faculdades mentais, psicológicas e sociais.

O homem tem de aprender as estações adequadas para a caça das diferentes espécies de animais, ou para a coleta de diferentes tipos de ovos e frutas. Para fazê-lo com êxito, tem de, finalmente, decifrar o calendário dos céus; tem de observar as fases da Lua e os movimentos das estrelas, e compará-los com movimentos botânicos e zoológicos já mencionados. E, como dissemos, o homem teve de descobrir, pela experiência, as melhores pedras para fazer ferramentas, e onde elas se encontravam. Mesmo para os homens mais primitivos, o êxito na vida exigia um corpo considerável de conhecimento astronômico, botânico, geológico e zoológico. Ao adquirir e transmitir tal conhecimento, nossos predecessores estavam lançando as bases da ciência.<sup>14</sup>

Segundo o autor, ‘*ao adquirir e transmitir tal conhecimento, nossos predecessores estavam lançando as bases da ciência*’. Para os positivistas empedernidos, tal citação deve ser interpretada como um exagero. Talvez sua ortodoxia impeça-os de

---

<sup>12</sup> FOLEY, Robert. *Os humanos antes da humanidade: uma perspectiva evolucionista*. – São Paulo: Ed. UNESP, 2003. p.64-6.

<sup>13</sup> *Ibid.*, p.238.

<sup>14</sup> CHILDE, Vere Gordon. *A evolução cultural do homem*. 5. ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 1986. p.64.

compreender que Childe está apenas discutindo o desenvolvimento das habilidades humanas ligadas a razão e ao conhecimento empírico da realidade. De fato, Childe nos oferece uma pista importante para compreensão da relação discutida por Ginzburg sobre as raízes do *Método Indiciário*. Se os caçadores-coletores do neolítico ‘*estavam lançando as bases da ciência*’, então, de certo modo, também estavam lançando as bases de um paradigma científico centrado na relação *razão-sensibilidade: o Paradigma Indiciário*.

Esse patrimônio cognoscitivo foi enriquecido e transmitido por inúmeras gerações de caçadores através de representações materiais (pinturas rupestres e artefatos), e da tradição oral (narração de fábulas, histórias, costumes, crenças e tradições). Este saber, construído ao longo de milhares de anos permitiu o aprimoramento da capacidade racional - intuitiva, pois a partir da investigação indiciária o homem passou a decifrar a realidade em sua complexidade, apesar das dificuldades relacionadas à comprovação (de forma diretamente experimentável). Os dados são apresentados pelo observador como uma seqüência narrativa, cuja formulação simplória poderia ser: “alguém passou por aqui!”. Esta perspectiva da narração, distinta do sortilégio, do esconjuro e da invocação, talvez tenha nascido nas sociedades dos caçadores, e resultou da experiência acumulada na decifração de indícios. A linguagem da *decifração venatória* (à parte pelo todo, o efeito pela causa) indica que o “caçador teria sido o primeiro a narrar uma história porque era o único capaz de ler, nas pistas mudas (se não imperceptíveis) deixadas pela presa, uma série coerente de eventos”<sup>15</sup>. Para Ginzburg, a análise do *Paradigma Venatório* presente na sociedade dos caçadores, conduz ao reconhecimento de que a história humana pode ser desvendada com base em rastros, pistas, indícios.<sup>16</sup>

### ***1.2. Os Adivinhos da Mesopotâmia e o Paradigma Divinatório.***

Os textos divinatórios mesopotâmicos, redigidos a partir do terceiro milênio a.C. revelam importantes similaridades entre o *Paradigma Venatório* e o *Paradigma Divinatório*. Nos dois modelos, a interpretação da realidade resulta de um exame minucioso de aspectos ínfimos. Aspectos que (geralmente) não podem ser diretamente experimentáveis pelo observador. Os caçadores examinavam pistas como esterco,

---

<sup>15</sup> GINZBURG, op. cit., nota 4. p.152.

<sup>16</sup> GINZBURG, Carlo. **Relações de força: história, retórica, prova.** – São Paulo: Cia. das Letras, 2002. p.57.

pegadas, pêlos, plumas... Os adivinhos, por sua vez, observavam entranhas de animais, gotas de óleo na água, astros, movimentos involuntários do corpo. A principal divergência entre estes modelos investigativos, talvez seja o fato de que a adivinhação voltava-se para o futuro, enquanto a decifração (dos caçadores) para o passado. Porém a atitude cognoscitiva, em ambos os casos, envolvia operações cognoscitivas similares: análises, comparações e classificações<sup>17</sup>. Há uma estreita ligação entre as articulações simbólicas elaboradas pelos caçadores e a intenção dos adivinhos, apesar do contexto social diferente. A *'intenção divinatória'* foi (durante muito tempo) interpretada como *'pensamento mágico'*. Os pesquisadores contemporâneos preferem sua discussão a partir da idéia de *'conjectura'*.

Os caçadores ordenavam os fatos recolhidos pela observação minuciosa dos rastros deixados pelos animais através da *seqüência narrativa*. Sucessivas gerações de caçadores enriqueceram e transmitiram este patrimônio do saber venatório. Os adivinhos mesopotâmicos tinham ao seu dispor outros recursos culturalmente elaborados. A conjugação da *arte divinatória* com a *escrita pictográfica* explica a sofisticação de suas operações intelectuais. O pictograma representou um incalculável passo à diante no caminho da abstração. Elementos pictográficos e fonéticos continuaram a coexistir na escrita cuneiforme. A intensificação dos traços apriorísticos e generalizantes na literatura divinatória não apagaram a tendência de inferir as causas a partir dos efeitos. Esta inferência, proposta por C. S. Peirce – em *'Deduzione, induzione e ipotesi'*, da obra *Caso, amore e logica* (1956), e em *'La logica dell'abduzione'*, do livro *Scritti di filosofia* (1978) – corresponde à capacidade “presuntiva” ou “abdutiva”, que difere da indução simples.<sup>18</sup> Estes procedimentos investigativos, operacionalmente elaborados, caracterizam o desenvolvimento do *Método Indiciário* na antiguidade.

A adivinhação mesopotâmica constitui um modelo fundamentado em um exame minucioso do real. Para surpresa de muitos, a adivinhação, tinha neste contexto, um método perfeitamente elaborado e específico, com procedimentos estabelecidos, isto é, não ocorria de forma aleatória, mas a partir de um método investigativo: a análise de vísceras de animais, dos astros ou de gestos involuntários do corpo. A. L. Oppenheim

---

<sup>17</sup> GINZBURG, op cit, nota 4. p.153.

<sup>18</sup> Ibid., p.153. Cf. também a nota 38, na p.264 da obra anteriormente citada.

em *‘Los sueños proféticos en el cercano oriente antiguo’*, do livro *Los sueños y las sociedades humanas* (1964) defende a intrigante aproximação entre o *Método Divinatório* e o *Método Científico*. A ‘adivinhação mesopotâmica’ e a ‘ciência’ resultam, entre outros fatores, do desejo de fazer frente à realidade, de compreendê-la, subjugar-la e transformá-la. O saber divinatório comporta a mesma seriedade de propósito e a mesma aspiração totalizadora presente na “ciência”. Oppenheim afirma:

El saber de la adivinación mesopotámica está codificado en extensas colecciones compuestas por unidades muy formalizadas de una sola frase que nosotros, los asiriólogos, llamamos agüero. Cada agüero se compone de una prótasis, en la que se describe el rasgo o el acontecimiento ominoso, y una apódosis, que ofrece una predicción. La prótasis trata de observar los aspectos específicos y objetivos de la realidad crítica y sistemáticamente, y de describirlos. Además, tanto la observación como la descripción, están notablemente desprovistas de actitudes irracionales, de explicaciones a priori y de referencias a agentes divinos [...] Las observaciones [...] que reducen los hechos complejos a subunidades inequívocamente enunciables [...] reflejan una actitud consecuentemente racional que quizás no tenga otra que se le iguale en la literatura mesopotámica.<sup>19</sup>

O estudo atento dos vestígios arqueológicos e históricos da rica literatura divinatória da Mesopotâmia revela o esforço e a convivência da atitude de inferir as causas a partir dos efeitos, bem como, do esforço de generalização sobre a realidade.<sup>20</sup>

### ***1.3. Razão e Sensibilidade na Antiguidade Grega: A Medicina Hipocrática e as Raízes de um Paradigma Semiótico.***

Hipócrates de Cós (450-377 a.C.), considerado o pai da medicina ocidental, escreveu juntamente com seus discípulos um importante conjunto de textos: o “Corpo Hipocrático”, formado por mais de 50 tratados completos sobre medicina. Nestes tratados, encontramos escritos sobre cirurgia, ginecologia, dietética; registros diários de clínica prática; notas e dissertações sobre as preocupações médicas da época. Os tratamentos mencionados são pouco citados e de caráter geral, demonstrando que a

---

<sup>19</sup> OPPENHEIM apud GABRIEL PULICE, F. M. y OSCAR ZELIS. **La práctica de la investigación en relación al pensamiento mágico, la conjetura, el paradigma indiciario y la ciencia moderna: notas para repensar la científicidad.** In: Revista Eletrónica de Epistemología de Ciencias Sociales. 2001, p.7. Disponível em <http://www.moebio.uchile.cl/12frames07.htm> - Acesso em: 23/03/2005.

<sup>20</sup> GABRIEL PULICE y OSCAR ZELIS, *Ibid.*, p.8; GINZBURG, *op. cit.*, p.153, nota 4.

medicina hipocrática estava fundamentada em uma intervenção mais preventiva que curativa.

Segundo Hipócrates, o estudo das doenças devia ser fundamentado

...no quanto existe de comum e de individual na natureza humana: na doença, no doente, na dieta e em quem prescreve ...; na constituição geral e específica dos fenômenos celestiais e de cada região, nos costumes do povo, no regime, nas profissões, na idade de cada um; na fala, nas maneiras de ser, no silêncio, no pensamento, no sono e na insônia, nos sonhos ..., nos gestos involuntários ...; nos paroxismos, nas fezes, na urina, nas secreções, no vômito, na ligação entre as doenças ...; nos abscessos ..., no suor, nos calafrios, no frio, na tosse, no espirro, no soluço, na respiração, nos arrotos, na flatulência ..., nas hemorragias, nas hemorróidas. Com base em tudo isso, estenda-se a investigação até onde se consiga.<sup>21</sup>

Para Hipócrates e seus discípulos, as doenças deveriam ser encaradas como fenômenos cujas causas se encontram nos aspectos naturais. Desta forma, negavam a atribuição de causas divinas para as enfermidades. Os tratados registraram seu árduo esforço para o estabelecimento das bases de uma observação objetiva, isto é, sem preconceitos ou pressupostos filosóficos. A objetividade perseguida pelos hipocráticos deveria servir de guia para a análise e prática médica. Alguns destes discípulos protestavam contra a presença de conceitos e teorias filosóficas na análise médica. “La medicina [...] es un arte, techne, y el tratamiento del enfermo no es una cuestión azarosa, sino que implica habilidad y experiencia”.<sup>22</sup>

No artigo ‘*La medicina y el saber conjetural*’ (2005), o médico Daniel Carnelli discute o caráter conjetural do saber e da prática médica. Carnelli investiga as raízes da medicina ocidental, e revela a contribuição decisiva dos estudos e procedimentos de Hipócrates para o desenvolvimento da medicina. A medicina hipocrática elaborou um conjunto de métodos para o diagnóstico e tratamento das patologias considerando o sintoma um conceito central na análise. O próprio Hipócrates defendia que a

---

<sup>21</sup> HIPÓCRATES apud PORTO, Marco Antonio Teixeira. **O crime perfeito: paixão e morte de um paradigma clínico.** Bio-Ciência, Niterói/RJ, 9 (1):63, 1997. Disponível em <http://www.uff.br/nesh/publica/crimeimp.htm> - Acesso em: 20/05/2005.

<sup>22</sup> GABRIEL PULICE y OSCAR ZELIS, op. cit., p.8, nota 20.

enfermidade não pode ser compreendida em si mesma: “sólo mediante la atenta observación y anotación de todos los síntomas es posible establecer un historial preciso de cada enfermedad, pero la enfermedad en sí es inaccesible”<sup>23</sup>. Para desvendar as enfermidades o médico deve estabelecer a história precisa de cada patologia através da observação e anotação de todos os sintomas.

Segundo Carnelli, a insistência hipocrática na busca dos sintomas provavelmente resultou de sua preocupação com a defesa de um método investigativo que se colocava em contraposição a “inmediatez y certidumbre del conocimiento divino y la naturaleza provisio-nal, conjetural del saber humano”<sup>24</sup>. Para Hipócrates, o sintoma deve sempre ser analisado em relação aos elementos básicos como o ar, a água e o lugar. Ao ser interpretado pelo médico como um indício, o sintoma adquire um valor de signo. A concepção grega de que as enfermidades resultam da mistura de diferentes humores: sangue, fleuma, bílis amarela e bílis negra – a patologia humoral – corrobora a idéia de que as doenças têm uma origem comum. Carnelli considera que esta concepção representou um importante avanço em relação à medicina divinatória mesopotâmica. A teoria dos humores se irradiou na interpretação dos aspectos psicoemocionais como a concepção dos quatro tipos de temperamentos (sanguíneo, fleumático, colérico e melancólico). Os tipos de temperamentos estão vinculados a alguns sintomas característicos de diversas patologias. A teoria hipocrática sobre doenças e temperamentos, bem como a investigação indiciária dos sintomas constitui um marco fundamental no desenvolvimento da medicina.

Para Carnelli, a semiologia médica é “una disciplina que permite un diagnóstico de las enfermedades aunque éstas no sean observables”<sup>25</sup>. Ao discutir a vantagens da sintomatologia o autor propõe algumas indagações que esclarece sua abordagem da medicina como um saber conjetural.

La sintomatología opera como método de observación indirecta sobre la base de unos síntomas superficiales o signos que a menudo carecen de relevancia para el ojo del lego. ¿Es, entonces, la semiología médica una disciplina conjetural? Si el

---

<sup>23</sup> HIPÓCRATES apud CARNELLI, Daniel. **La medicina y el saber conjetural**. In: Revista de la Sociedad de Medicina Interna de Buenos Aires. 2005. Disponível em [http://www.drwebsa.com.ar/smiba/med\\_interna/vol\\_05/05\\_02.htm](http://www.drwebsa.com.ar/smiba/med_interna/vol_05/05_02.htm) - Acesso em: 20/05/2005.

<sup>24</sup> CARNELLI, Ibid. 2005

<sup>25</sup> Ibid., 2005.

médico construye su diagnóstico a partir de huellas, ¿Es su tarea una labor de desciframiento? En lo que concierne a la ciencia médica de los síntomas, el diagnóstico pretende explicar el pasado y el presente, pero también se evidencia una dimensión prospectiva, de pronóstico, que viene a demarcar una probabilidad de la situación futura.<sup>26</sup>

Para Carnelli, não é absurda a idéia que identifica no saber e na prática médica o Paradigma Venatório dos caçadores do Neolítico. O princípio básico da investigação médica dos sintomas é o mesmo da investigação dos caçadores “primitivos”: a busca de indícios reveladores na explicação do fenômeno com o qual se defrontam.

No es descabellado asociar, por lo que venimos desarrollando con antelación, la tarea médica con los cazadores y los adivinos de la antigüedad: los primeros en el curso de sus persecuciones aprendieron a reconstruir el aspecto y los movimientos de su presa invisible a través de meros rastros; aprendieron a husmear, a observar, a dar sentido, a contextualizar a partir del detalle mínimo, de la huella débil; supieron efectuar complejos cálculos en un instante. La presa del cazador, la enfermedad del médico: ficciones de una realidad tangible que se esconde, pero que hay que atrapar para posibilitar la continuidad de la vida del hombre. En ambos casos, el éxito o el fra-caso derivan de una acertada e innovadora actividad venatoria.<sup>27</sup>

Os hipocráticos foram os primeiros a apontar as ‘*questões de método*’ na medicina. Para os hipocráticos a análise médica deve ser baseada na *observação e objetividade*; a finalidade prática da medicina é o *tratamento da enfermidade*; o médico deve valorizar a clínica e a análise de *casos particulares (individuais)*; a análise da enfermidade depende estritamente do *método de observação e descrição dos sintomas*; o tratamento possui um *caráter mais preventivo que curativo*.

O silenciamento deste paradigma ocorreu em virtude do prestígio da teoria platônica do conhecimento que dominava os círculos de maior influência na Grécia deste período. No entanto, a proposta de Hipócrates estabeleceu os parâmetros fundamentais de um *Paradigma Semiótico* ou *Indiciário*. Esse paradigma permaneceu implícito. Foi esmagado pelo reconhecimento socialmente mais elevado do paradigma elaborado por

---

<sup>26</sup> Ibid., 2005.

<sup>27</sup> Ibid., 2005.

Platão. Nesta relação de forças, a teoria platônica se impôs à teoria hipocrática. Apesar disso, o esforço de Hipócrates e seus discípulos permitiu a consolidação da semiótica médica.

Apesar de tan vigorosos poderes en contrario, esas primeras experiências han tenido evidentemente la suficiente fuerza como para alcanzar a sentar los fundamentos de una “semiologia médica” que se sostuvo en el tiempo y tardó mucho en ser superada.<sup>28</sup>

Hipócrates revolucionou o método investigativo na medicina grega. Lançou as bases de uma medicina científica humanista e instaurou um novo modelo de análise médica das doenças: a semiótica médica. Provavelmente estudou com excelentes mestres. Estes pensadores advogavam a importância da análise baseada na observação de indícios. Para Alcmeon, “... de las cosas invisibles y de las cosas mortales los dioses tienen certeza inmediata, pero a los hombres les toca proceder por indícios”.<sup>29</sup>

---

<sup>28</sup> GABRIEL PULICE y OSCAR ZELIS, op. cit., p.9, nota 20.

<sup>29</sup> ALCMEON apud CARNELLI, op. cit., nota 24.

## Capítulo 2

### **O Pensamento Moderno e a Consolidação de um Modelo Científico Centrado na Investigação de Índícios**

#### ***2.1. O Médico Giulio Mancini: Semiótica Médica aliada ao Método Indiciário na Investigação de Doenças e Pinturas (séc. XVII).***

O italiano Giulio Mancini (1558-1630), médico-mor de Urbano VIII (início do século XVII), foi contemporâneo de Galileu. Arriscava seus diagnósticos cheirando fezes, pondo o ouvido em peitos estertorantes ou provando urinas (procedimentos praticados pelos médicos de sua época). Mancini foi considerado um médico brilhante, pois seus diagnósticos fulminantes permitiam a imediata constatação do fim que a doença viria a ter. Possuía a capacidade de observação dos sintomas ínfimos, e demonstrava igual habilidade na articulação dos fatos, a ponto de inferir, com rapidez, as causas da doença a partir dos seus efeitos.

Mancini Frequêntava os mesmos ambientes romanos que Galileu Galilei (da Corte Papal a Accademia dei Lincei) e conhecia pessoas importantes (Federico Cesi, Giovanni Ciampoli, Giovanni Faber, entre outros). Tinha grande apreço por obras de arte, principalmente às pictóricas (pinturas). Escreveu a obra *Algumas considerações referentes à pintura como deleite de um gentil-homem nobre e como introdução ao que se deve dizer* (1619). O livro foi dirigido aos “gentis-homens diletantes – aqueles virtuosos que, em número sempre maior, lotavam as exposições de quadros antigos e modernos que aconteciam todos os anos no Pantheon”<sup>30</sup>. As *Considerações* de Mancini foram dedicadas aos métodos necessários ao reconhecimento de quadros falsos, para “distinguir os originais das cópias”.<sup>31</sup> Nestas considerações, Mancini revela sua preocupação com a elaboração de um método investigativo para se distinguir às obras originais das falsas, as obras dos mestres e as cópias. Sua exortação explica seu empenho em conferir se nas pinturas:

Vê-se aquela desenvoltura do mestre, e em particular naquelas partes que necessariamente fazem-se com resolução, de modo que não podem passar bem com a imitação, como são em particular os cabelos, a barba, os olhos. Que o anelar dos

---

<sup>30</sup> GINZBURG, op. cit., nota 4. p.159.

<sup>31</sup> Ibid., p.159.

cabelos, quando se deve imitar, faz-se como muito custo, que depois na cópia aparece, e, se o copiadador não quer imitá-lo, então não tem a perfeição do mestre. E essas partes na pintura são como os traços e os volteios na escrita, que precisam daquela desenvoltura e resolução de mestre. Isso deve-se ainda observar em alguns sopros e golpes de luz de espaço em espaço, que pelo mestre são postos de uma vez e com a resolução de uma pincelada inimitável; assim nas dobras dos tecidos e em luz, os quais dependem mais da fantasia e resolução dos mestre do que da verdade da coisa criada.<sup>32</sup>

## 2.2. *Romances e Novelas do Século XVIII: Voltaire e o Método Indiciário de 'Zadig: O Sábio da Babilônia'.*

O filósofo e novelista francês Voltaire (1694-1778), escreveu diversos romances e novelas famosas no século XVIII. Em uma de suas novelas mais conhecidas *Zadig* – personagem conhecido por sua sapiência – demonstra uma intrigante capacidade de observação, intuição e dedução ao descrever minuciosamente fatos de difícil compreensão. Seu método baseava-se na identificação e decifração de pistas deixadas principalmente no solo. O terceiro capítulo de *Zadig ou o Destino – 'O cão e o cavalo'* – é na verdade uma reelaboração do primeiro conto da *'Peregrinação dos três jovens filhos do rei de Serendip'*, que apareceu em Veneza na metade do século XVI, como ponto alto de uma ampla coletânea de contos traduzida do persa para o italiano por Cristóforo Arménio. A primeira aparição destes contos no ocidente ocorreu na verdade na coletânea de Sercambi. No entanto, o sucesso das estórias dos filhos do rei Serendip resultou da onda orientalizante na Europa do século XVIII. O conto foi traduzido para as principais línguas européias, chegando ao jovem Voltaire, ávido de conhecimento e leitor dedicado. *Zadig ou o destino: uma história oriental* relata as proezas de um jovem-sábio da Babilônia e sua investigação da realidade a partir da decifração de pistas aparentemente irrelevantes – pormenores, detalhes, minúcias. A proeza de *Zadig* pode ser compreendida em um extrato do texto do próprio Voltaire.

Ora, estando um dia a passear pelas proximidades de um bosque, acorreu-lhe ao encontro um eunuco da rainha, seguido de vários oficiais que demonstravam a maior inquietação e vagavam de um lado para outro, como pessoas desorientadas que houvessem perdido a maior preciosidade deste mundo.

- Jovem - disse-lhe o primeiro eunuco, - não viste o cão da rainha?
- É uma cadela, e não um cão respondeu Zadig discretamente.
- Tens razão - tornou o primeiro eunuco.

---

<sup>32</sup> MANCINI apud GINZBURG. *Ibid.*, p.161-2.

- É caçadeira, e por sinal que muito pequena - acrescentou Zadig. - Deu cria há pouco; manqueja da pata dianteira esquerda e tem orelhas muito compridas.

- Viste-a, então? - perguntou o primeiro eunuco, esbaforido.

- Não - respondeu Zadig, - nunca a vi na minha vida nem nunca soube se a rainha tinha ou não uma cadela.

Ao mesmo tempo, por um ordinário capricho da sorte, sucedeu escapar-se das mãos de um palafreireiro o mais belo exemplar das cavaliças do rei, extraviando-se nos campos de Babilônia. O Monteiro-mor e todos os outros oficiais corriam à sua procura com mais inquietação do que o primeiro eunuco em busca da cadela. O Monteiro-mor dirigiu-se a Zadig e perguntou-lhe se não vira acaso o cavalo do rei.

É - respondeu Zadig - o cavalo de melhor galope; tem cinco pés de altura e os cascos pequenos; a cauda mede três pés e meio de comprimento; o freio é de ouro de vinte e três quilates; e as ferraduras de prata de onze denários.

- Que direção tomou ele? Onde está? - perguntou o Monteiro-mor.

- Não o vi - respondeu Zadig, - nem nunca ouvi falar nele.

O Monteiro-mor e o primeiro eunuco não tiveram mais dúvidas de que Zadig houvesse roubado o cavalo do rei e a cadela da rainha; levaram-no perante a assembleia do grande desterham, que o condenou ao knut e a passar o resto da vida na Sibéria. Mal se encerrara o julgamento, foram encontrados o cavalo e a cadela. Viram-se os juizes na dolorosa obrigação de reformar sua sentença; mas condenaram Zadig a desembolsar quatrocentas onças de ouro, por haver dito que não vira o que tinha visto. Primeiro foi preciso pagar a multa; depois concederam-lhe licença para se defender perante o conselho do grande desterham. Zadig falou nos seguintes termos:

"Estrelas de justiça, abismos de ciência, espelhos da verdade, vós que tendes o peso do chumbo, a dureza do ferro, o fulgor do diamante e tanta afinidade com o ouro! Já que me é dado falar perante essa augusta assembleia, juro-vos por Orosmade que jamais vi a respeitável cadela da rainha, nem o sagrado cavalo do rei dos reis. Eis o que me aconteceu: Passeava eu pelas cercanias do bosque onde vim a encontrar o venerável eunuco e o ilustríssimo Monteiro-mor, quando vi na areia as pegadas de um animal. Descobri facilmente que eram as de um pequeno cão. Sulcos leves e longos, impressos nos montículos de areia, por entre os traços das patas, revelaram-me que se tratava de uma cadela cujas tetas estavam pendentes, e que portanto não fazia muito que dera cria. Outras marcas em sentido diferente, que sempre se mostravam no solo ao lado das patas dianteiras, denotavam que o animal tinha orelhas muito compridas; e, como notei que o cão era sempre menos amolgado por uma das patas do que pelas três outras, compreendi que a cadela de nossa augusta rainha manquejava um pouco, se assim me ousou exprimir.

Quanto ao cavalo do rei dos reis, seja-vos cientificado que, passeando eu pelos caminhos do referido bosque, divisei marcas de ferraduras que se achavam todas a igual distância. "Eis aqui - considere - um cavalo que tem um galope perfeito". A poeira dos troncos, num estreito caminho de sete pés de largura, fora levemente removida à esquerda e à direita, a três pés e meio do centro da estrada. "Esse cavalo - disse eu comigo - tem uma cauda de três pés e meio, a qual, movendo-se para um lado e outro, varreu assim a poeira dos troncos". Vi debaixo das árvores, que formavam um dossel de cinco pés de altura, algumas folhas recém-tombadas e concluí que o cavalo lhes tocara com a cabeça e que tinha, portanto, cinco pés de altura. Quanto ao freio, deve ser de ouro de vinte e três quilates: pois ele lhe esfregou a parte externa contra certa pedra que eu identifiquei como uma pedra de toque. E, enfim, pelas marcas que as ferraduras deixaram em pedras de outra espécie, descobri eu que era prata de onze denários.

Todos os juizes pasmaram do profundo e sutil discernimento de Zadig, o que logo chegou aos ouvidos do rei e da rainha. Só se falava em Zadig nas antecâmaras, na câmara e no gabinete; e, embora vários magos opinassem que o deviam queimar como feiticeiro ordenou o rei que lhe restituíssem as quatrocentas onças de ouro a que fora multado.<sup>33</sup>

---

<sup>33</sup> GARCIA, Néilson J. **Zadig**. 2001, p.4-5. Disponível em [http://www2.uol.com.br/cultvox/livros\\_gratis/zadig.pdf](http://www2.uol.com.br/cultvox/livros_gratis/zadig.pdf) - Acesso em: 01/05/2005.

### ***2.3. O Romance Policial dos Séculos XIX e XX: O Método Indiciário na Literatura de Enigma.***

A narrativa policial de detetive ou romance de enigma tornou o *Método Indiciário* popularmente conhecido. Autores consagrados como Edgar Allan Poe, Arthur Conan Doyle e Agatha Christie escreveram inúmeros contos demonstrando a eficácia do indiciarismo na investigação detetivesca.

Allan Poe (1809-1849) é considerado o criador deste gênero, e exemplo mais expressivo da narrativa de enigma. O contexto histórico de sua época estava marcado pela intensificação do processo de urbanização e de industrialização; pelo crescimento assustador da violência, da criminalidade e da insegurança; o aumento expressivo do público leitor; o surgimento de jornais populares e o destaque dado às notícias sobre crimes misteriosos; o fascínio pelas idéias positivistas; o fortalecimento da idéia que considerava o criminoso um inimigo social. Valendo-se desta realidade, Poe, lança em 1841, na *Graham's Magazine* o conto '*Assassinatos da rua Morgue*', sua primeira narrativa policial com o personagem-detetive Auguste Dupin.

Com Dupin, Allan Poe inventa a idéia moderna de detetive. Inventa também, segundo Lacassin, “um arquétipo literário: o detetive amador, o homem que coleciona enigmas como os outros colecionam objetos”.<sup>34</sup>

O detetive Auguste Dupin desenvolve seu método de investigação a partir da perspectiva indiciária. Seu método consiste na busca de fatos pequenos (detalhes), a observação atenta e a inferência a partir da análise indutiva (do particular para a totalidade). Dupin valoriza a observação dos fatos, a objetividade, o rigor lógico e a dúvida metódica na análise (categorias do pensamento positivista).

Os contos '*O mistério de Marie Roget*' (1842) e '*A carta roubada*' (1845) consolidaram o reconhecimento literário de Allan Poe. Seu pioneirismo influenciou diversos escritores como Conan Doyle e Agatha Christie.

---

<sup>34</sup> LACASSIN apud REIMÃO, Sandra Lúcia. **O que é romance policial**. 2. ed. – São Paulo: Brasiliense, 1983. p.18.

Arthur Conan Doyle (1859-1930), filho de aristocratas irlandeses arruinados, estudou com jesuítas e formou-se em medicina, especializou-se em oftalmologia, foi oficial-médico na guerra dos bóeres, na África do Sul. Aproximou-se da literatura detetivesca através da leitura dedicada dos contos de romance policial de Allan Poe. Em 1887, durante os momentos de ócio em seu consultório de oftalmologia, criou o personagem-detetive Sherlock Holmes que o imortalizou como escritor do gênero. Agindo segundo os métodos aplicados pelo próprio personagem de sua ficção, Doyle chegou a analisar alguns crimes da época a pedido da polícia inglesa. Decifrou-os de maneira tão sagaz e brilhante quanto seu famoso personagem.

No conto *‘Um estudo em vermelho’* (1887), Sherlock Holmes descreve os procedimentos fundamentais da investigação baseada em indícios. Para Holmes

...toda vida é uma grande corrente cuja natureza torna-se conhecida desde que nos apresentem um único elo. [...] Antes de enfrentar os aspectos morais e mentais que apresentam maior grau de dificuldade em determinada questão, convém que aquele que indaga comece por dominar os problemas mais elementares. Que ao olhar outro mortal, aprenda a perceber através de um mero olhar a história do homem e o ofício ou profissão a que se dedica. Por mais pueril que esse exercício possa parecer, ele aguça as faculdades de observação e ensina para onde olhar e o que ver. As unhas de um homem, a manga de seu paletó, sua botina, os joelhos de suas calças, as calosidades de seu indicador e se polegar, sua expressão, os punhos de sua camisa – eis diversos elementos que permitem discernir claramente a ocupação de um homem. [...] Em mim a observação é uma segunda natureza. [...] Quando um fato parece se opor a uma longa série de deduções invariavelmente se verifica que esse fato comporta alguma outra interpretação. [...] No momento de solucionar um problema desse tipo, o essencial é saber refletir para trás...<sup>35</sup>

Em *‘O signo dos quatro’* (1890), Holmes explica ao seu companheiro de quarto e de investigação – Watson – as qualidades necessárias à investigação detetivesca. No capítulo I (*A ciência da dedução*), Holmes explica: para decifrar um enigma, o investigador precisa desenvolver observação e dedução. Deve também acumular conhecimentos sobre o crime a ser investigado. Quando Watson lembra que Holmes tem um gênio extraordinário para minúcias, este responde de forma objetiva: “Apenas

---

<sup>35</sup> DOYLE, A. Conan. *Um estudo em vermelho*. – São Paulo: Ática, 1988. p.33, 35, 80-1, 146-7.

avaliou a importância delas”<sup>36</sup>. Valorizando a observação dos fatos pequenos ou aparentemente irrelevantes o investigador pode chegar a grandes conclusões, através da avaliação criteriosa das probabilidades.

Em ‘*O cão dos Baskervilles*’ (1902), Holmes demonstra que o investigador deve pensar nas probabilidades e escolher as de maior valor. Este procedimento constitui o uso científico da imaginação. Para tal, o investigador deve desenvolver a capacidade de ver através dos disfarces. Holmes afirma: “Quanto mais *outré* e grotesco um incidente, mais merece ser examinado e o ponto que parece complicar um caso, quando devidamente e cientificamente examinado, é em geral o mais propício a elucidá-lo”.<sup>37</sup>

Agatha Christie (1891-1976) escreveu inúmeros contos e romances policiais. Sua vasta obra dominou o cenário da literatura policial no século XX. Christie criou diversos detetives. No conto ‘*O misterioso caso Styles*’ (1920) surge Hercule Poirot, seu detetive mais famoso. As obras de Agatha Christie romperam com as regras clássicas do gênero. Em ‘*Assassinato de Roger Ackroyd*’ (1926) o narrador que ajuda o detetive nas investigações é o próprio assassino. No conto ‘*Assassinato no orient express*’ (1934) o crime é planejado e executado por 12 pessoas. Na peça ‘*Os dez negrinhos*’ (1943), os personagens principais morrem, e em ‘*Convidado inesperado*’ (1958) o público sabe desde o início quem é o assassino. A ‘Dama do Crime’, como ficou conhecida, rompeu com o estilo clássico da literatura policial, mas não fugiu aos parâmetros básicos do indiciário. Nos contos e romances que escreveu, o sucesso de seus detetives depende da investigação detetivesca baseada na busca metódica dos detalhes e da inferência criteriosa a partir dos indícios.

Dupin, Holmes e Poirot são personagens que possuem características distintas. Apesar de suas particularidades, concordam quanto ao método de investigação. Cada passo deve ser tomado de forma lógica e metódica. O investigador precisa inferir as causas a partir de seus efeitos, isto é, deduzir o fato (crime) a partir dos vestígios (pistas) deixados pelo criminoso. Este procedimento lembra a exortação de Walter Benjamin

---

<sup>36</sup> Id. *O signo dos quatro*. 9. ed. – São Paulo: Melhoramentos, 1988. p.11.

<sup>37</sup> Id. *O cão dos Baskervilles*. – Rio de Janeiro: Tecnoprint S.A., 1990. p.178.

sobre ‘escovar a história ao contrário’. Para tal, é preciso aprender a interpretar os testemunhos às avessas.<sup>38</sup>

#### ***2.4. Giovani Morelli, Conan Doyle e Sigmund Freud: A Semiótica Médica e a Consolidação do Paradigma Indiciário.***

No final do século XIX, apareceu na *Zeitschrift für bildende Kunst* uma série de artigos sobre a pintura italiana. Estes artigos foram assinados por um desconhecido estudioso russo chamado Ivan Lermolieff. A tradução destes ensaios para o alemão foi realizada por Johannes Schwarze, também desconhecido na Europa da época. Apenas alguns anos depois a dupla máscara foi retirada, e o verdadeiro autor e tradutor dos ensaios apareceu. Tratava-se do médico e especialista em arte, o italiano Giovani Morelli.

Morelli (1816-1891) desenvolveu um método de investigação sobre a autenticidade de quadros. Seu método foi considerado revolucionário e inovador por seus admiradores; mecânico e grosseiramente positivista por seus críticos mais contundentes. De qualquer forma, Morelli provocou uma revolução nas galerias de arte da Europa entre 1874 e 1876. Esta discussão alcançou tamanha notoriedade que até hoje os historiadores da arte discutem o método morelliano.

Ginzburg explica o método morelliano a partir das proposições do próprio Morelli.

Os museus da Europa, dizia Morelli, estão cheios de quadros atribuídos de maneira incorreta. Mas devolver cada quadro ao seu verdadeiro autor é difícil: muitíssimas vezes encontramos-nos frente a obras não-assinadas, talvez repintadas ou num mau estado de conservação. Nestas condições, é indispensável poder distinguir os originais das cópias. Para tanto, porém (dizia Morelli), é preciso não se basear, como normalmente se faz, em características mais vistosas, portanto mais facilmente imitáveis, dos quadros: os olhos erguidos para o céu dos personagens de Perugino, o sorriso dos de Leonardo, e assim por diante. Pelo contrário, é necessário examinar os pormenores mais negligenciáveis, e menos influenciados pelas características da escola a que o pintor pertencia: os lóbulos das orelhas, as unhas, as formas dos dedos das mãos e dos pés. Dessa maneira Morelli descobriu, e escrupulosamente catalogou, a forma de orelha própria de Botticelli, a de Cosmè Tura e assim por diante: traços presentes nos originais, mas não nas cópias.<sup>39</sup>

---

<sup>38</sup> GINZBURG, op. cit., nota 17. p.43.

<sup>39</sup> GINZBURG, op. cit., p.144, nota 4.

Segundo Ginzburg, “o renovado interesse pelos trabalhos de Morelli é mérito de E. Wind, que viu neles um exemplo típico da atitude moderna em relação à obra de arte – atitude que leva a apreciar os pormenores”<sup>40</sup>. O método morelliano consiste na identificação e investigação dos aspectos menos vistosos, minuciosos, geralmente negligenciados, e menos influenciados pelas características da escola a que o pintor pertence. Estes aspectos são geralmente imperceptíveis. Os pormenores tornam-se reveladores, pois constituem indícios ou pistas substanciais. Morelli valorizava os fatos particulares na análise, e considerava os dados secundários e marginais como centrais. Para Ginzburg, as implicações de seu método eram muito mais ricas e profundas que a análise estética simplesmente. Os problemas apresentados pela investigação morelliana não são de ordem estética. São problemas preliminares (de ordem filológica).

Enrico Castelnuovo demonstrou a intrigante similaridade entre o método morelliano e o método sherlockiano. O paralelismo entre Morelli e Holmes constitui uma comparação aparentemente sem sentido, entre um médico especialista em arte e um personagem-detetive. A análise pormenorizada do método de ambos é reveladora. Morelli buscava características minuciosas que identificassem signos pictóricos; Holmes, por sua vez, buscava pistas aparentemente irrelevantes e imperceptíveis que elucidassem crimes.

A aproximação entre Morelli e Holmes fica ainda mais evidente no conto ‘*A caixa de papelão*’ (1892). Neste conto, o detetive Sherlock Holmes é levado – por insistência da Srt<sup>a</sup> Cushing – a investigar o conteúdo misterioso de um “*Pacote Macabro*” envolto em papel pardo, enviado pelo correio ao endereço da Srt<sup>a</sup>. No pacote estava uma caixa de papelão cheia de sal grosso. Ao esvaziá-la a Srt<sup>a</sup> Cushing ficou horrorizada, pois deparou com duas orelhas humanas recentemente cortadas. A investigação do caso revelou a aplicação dos procedimentos da investigação indiciária que aproxima marcadamente o método morelliano e o sherlockiano. Nas páginas que se sucedem Holmes explica para Watson como construiu sua análise a partir da observação de pistas pequenas, de minúcias.

Na qualidade de médico, Watson, você deve saber que não existe parte do corpo humano que apresente tantas variações como a orelha. Cada uma tem as próprias características e difere de todas as demais. Na *Revista Antropológica* do ano

---

<sup>40</sup> Ibid., p.145.

passado, você encontrará duas breves monografias de minha lavra sobre o assunto. Examinei, por isso, com olhos de entendido, as orelhas contidas na caixa e verifiquei cuidadosamente suas peculiaridades anatômicas. Imagine, pois, minha surpresa quando, ao olhar para a Srt<sup>a</sup> Cushing, reparei corresponder sua orelha a orelha feminina que eu acabara de inspecionar. Não era possível pensar em coincidência. Ali estava o mesmo encurtamento da aurícula, a mesma curva larga do lóbulo superior, a mesma circunvolução da cartilagem interna. Em todos os pontos essenciais era perfeita. Percebi logo a enorme importância de tal observação. Era evidente ser a vítima uma consangüínea, e provavelmente, parente muito próxima, da senhorita...<sup>41</sup>

Segundo Castelnovo, neste conto, Holmes literalmente “dá uma de Morelli”. A semelhança dos métodos pode ser verificada na análise de Wind.

Os livros de Morelli têm um aspecto bastante insólito se comparados aos de outros historiadores da arte. Eles estão salpicados de ilustrações de dedos e orelhas, cuidadosos registros das minúcias características que traem a presença de um determinado artista, como um criminoso é traído pelas suas impressões digitais... qualquer museu de arte estudado por Morelli adquire imediatamente o aspecto de um museu criminal...<sup>42</sup>

Henry Doyle, pintor e crítico de arte, tio de Conan Doyle, tornou-se diretor da National Art Gallery (Dublin) em 1869. H. Doyle encontrou-se com Morelli em 1887, conforme carta ao seu amigo Sir Henry Layard. O conhecimento do método morelliano por parte de H. Doyle pode ser comprovado por sua elaboração do *‘Catalogue of the works of art in the National Gallery of Ireland’* (1890). A realização deste trabalho resultou da pesquisa do manual de Kugler. Este manual foi reelaborado por Layard (em 1887), a partir das orientações de Morelli.<sup>43</sup>

Segundo Wind a psicologia moderna corrobora a proposta investigativa de Morelli, pois “nossos pequenos gestos inconscientes revelam nosso caráter mais do que qualquer

---

<sup>41</sup> DOYLE, A. Conan. **A caixa de papelão**. In: O círculo vermelho e outras aventuras de Sherlock Holmes. – Rio de Janeiro: Tecnoprint S.A., 1990. p.89-90.

<sup>42</sup> WIND apud GINZBURG, op. cit., nota 4. p.145.

<sup>43</sup> GINZBURG, op. cit., nota 4. Cf. nota 10. p.262.

atitude formal, cuidadosamente preparada por nós”<sup>44</sup>. Para Ginzburg, a análise de Wind constitui uma “preciosa intuição” sobre a influência do método morelliano na psicanálise clínica.

No artigo ‘*O Moisés de Michelangelo*’ (1914), Sigmund Freud (1856-1939) revela sua admiração e atração por obras de arte, especialmente a literatura e a escultura. Confessa que passou longo tempo contemplando diversas obras, tentando apreendê-las para explicar o seu efeito sobre ele. No segundo parágrafo deste artigo Freud reconhece sua inclinação mental marcadamente racionalista e analítica da realidade. Para ele, o poder que algumas obras exercem sobre seus admiradores deve estar na intenção do artista. Perseguindo esta intenção, aventura-se na análise investigativa da famosa estátua de mármore de Moisés, da autoria de Michelangelo, situada na Igreja de San Pietro in Vincoli (Roma - Itália). Esta estátua é um fragmento da gigantesca tumba do Papa Júlio II, provavelmente erigida pelo próprio artista. Freud analisa as proposições de diversos pesquisadores, e discute suas investigações sobre a intenção dos famosos artistas na confecção desta obra. A partir da segunda parte do artigo propõe a investigação de “pormenores” que escaparam à observação, e que “nem mesmo foram corretamente descritos”. No primeiro parágrafo afirma:

Muito antes de ter tido qualquer oportunidade de ouvir falar em psicanálise, soube que um conhecedor de arte russo, *Ivan Lermolieff*, provocara uma revolução nas galerias de arte da Europa entre 1874 e 1876, colocando em dúvida a autoria de muitos quadros, mostrando como distinguir com certeza as cópias dos originais e criando artistas hipotéticos para obras cuja suposição anterior de autoria fora desacreditada. Conseguiu isso insistindo em que a atenção deveria ser desviada da impressão geral e das características principais de um quadro, dando-se ênfase à significação de detalhes de menor importância, como o desenho das unhas, do lóbulo de uma orelha, de auréolas e de outras trivialidades não consideradas que o copista desdenha imitar e que, no entanto, cada artista executa à sua maneira própria e característica. Fiquei então extremamente interessado ao descobrir que o pseudônimo russo ocultava a identidade de um médico italiano chamado Morelli, que morrera em 1891, como Senador do Reino da Itália. Parece-me que seu método de investigação tem estreita relação com a técnica da psicanálise médica. Esta também tem por hábito penetrar em coisas concretas e ocultas através de elementos

---

<sup>44</sup> WIND apud GINZBURG, op. cit., nota 4. p.146.

pouco notados ou despercebidos, dos detritos ou “refugos”, por assim dizer, de nossas observações.<sup>45</sup>

A declaração de Freud revela sua aproximação com o método morreliano. Este fato pode ser confirmado na citação acima, e no corpo do texto do artigo. Neste, encontramos as categorias fundamentais do pensamento indiciário: *pormenores, minúcias, rastros, detalhes, sinais*.

Ginzburg considera que a influência de Morelli no pensamento e método psicanalítico freudiano não se restringe ao ensaio citado ou aos ensaios freudianos sobre temas ligados à arte. Freud nunca reconheceu a influência de Morelli em seu método investigativo. Nem ao menos citou o polêmico médico italiano na lista dos autores que mais influenciaram seu pensamento. Apesar disto, os indícios revelam que o método morelliano não tem apenas “*estreita relação com a psicanálise médica*” como afirmou Freud. Para Ginzburg, a declaração de Freud é uma confissão velada, talvez um reconhecimento inconsciente da influência do método morelliano no método psicanalítico.

Ginzburg faz uma análise detetivesca da vida e obra de Freud, e identifica fatos importantes, pormenores reveladores. Em dezembro de 1895, Freud revelou à noiva sua “*descoberta da pintura*” feita durante uma visita à Galeria de Dresden/Alemanha. A partir deste momento passou a se interessar e admirar obras de arte. Na biblioteca de Freud – conservada em Londres – existe um exemplar do livro de Giovanni Morelli intitulado: *Da pintura italiana. Estudos históricos críticos. As galerias Boghese e Doria Pamphili*. Roma, Milão, 1897. No frontispício do livro está registrado outro indício importante, o local e a data da aquisição da obra: Milão, 14 de Setembro. O ano desta aquisição pode ser deduzido do fato de que a única estadia de Freud em Milão, neste período de sua vida, ocorreu no outono de 1898. Morelli usava um pseudônimo russo (Ivan Lermolieff) para não ser identificado como autor dos polêmicos artigos que abalaram a Europa do final do século XIX. Freud age de forma semelhante, e como um detetive, prefere não revelar sua autoria do ensaio sobre arte. Somente quando organiza

---

<sup>45</sup> FREUD, S. **O Moisés de Michelangelo**. In: Edição Eletrônica das “Obras Completas de Freud”. Trad. Jayme Salomão. – São Paulo: Imago, 2000. vol. XIII, parte II.

a publicação das “Obras Completas” é que assume a autoria do ensaio de análise pictográfica sobre a intenção do artista (Michelangelo). Esta prática era comum na época, talvez por isso, não possa ser considerada uma forte evidência, no entanto, soma-se as demais que já foram identificadas, e reforçam a hipótese da influência determinante do método morelliano na psicanálise clínica.

Para Ginzburg, a similaridade entre Morelli e Freud, seja à busca de signos pictóricos (no caso de Morelli), ou de sintomas (no caso de Freud), não constitui uma notável coincidência, a partir da qual pesquisadores de áreas distintas chegaram ao mesmo método, por caminhos diferentes. Ginzburg está convencido que a influência de Morelli sobre Freud é direta e preponderante. Freud se apropriou dos procedimentos-métodos propostos por Morelli, e aplicou sua proposta metodológica na investigação das neuroses, traumas e complexos, conceitos estruturantes da teoria psicanalítica. Freud apreciava o método morelliano por considerá-lo “um método interpretativo centrado sobre os resíduos, sobre os dados marginais, considerados reveladores”.<sup>46</sup>

A teoria freudiana está repleta de categorias estruturantes do pensamento indiciário. O levantamento destas categorias revelou dados importantes. A edição eletrônica das *‘Obras completas de Sigmund Freud’* (2000), publicada no Brasil em CD-R, pela IMAGO, possibilitou a pesquisa destas categorias na obra freudiana. Os termos pesquisados foram rastreados nos prefácios e posfácios, capítulos, casos, ensaios, artigos, resumos, cartas, conferências e notas publicadas nesta coleção. Os números apresentados entre parênteses correspondem às fontes (textos) onde os termos aparecem. Desta forma, chegamos ao seguinte resultado: o termo *indícios* (aparece diversas vezes, em 56 textos), *pormenores* (em 79 textos), *sinais* (em 140 textos), *pistas* (em 09 textos), *minúcias* (em 07 textos) e *detetive* (em 01 texto). Os termos encontrados foram utilizados pelo fundador da psicanálise com o sentido etimológico que representam: a investigação (a análise indiciária).

Surpreendentemente, o termo *‘detetive’* revelou algo muito importante para nossa análise. No volume XV (1915-1916) – *Conferências introdutórias sobre psicanálise (parte I e II)*, Freud explica a importância dada aos pormenores na psicanálise clínica.

---

<sup>46</sup> GINZBURG, op. cit., nota 4. p.149.

Ao discutir as Parapraxias – comportamentos caracterizados por lapsos de linguagem, leitura e audição ou por esquecimentos – revela sua apreensão do método indiciário. Freud defende a importância da investigação detetivesca na análise do psiquismo.

É verdade que a psicanálise não pode vangloriar-se de jamais haver-se ocupado de trivialidades. Pelo contrário, o material para sua observação é geralmente proporcionado pelos acontecimentos banais, postos de lado pelas demais ciências como sendo bastante insignificantes — o refugio, poderíamos dizer, do mundo dos fenômenos. Porém, não estão os senhores fazendo confusão, em suas críticas, entre a vastidão dos problemas e a evidência que aponta para eles? Não existem coisas muito importantes que, sob determinadas condições e em determinadas épocas, só se podem revelar por indicações bastante débeis? Eu não encontraria dificuldade para fornecer-lhes diversos exemplos de tais situações. [...] E se fosse um detetive empenhado em localizar um assassino, esperaria achar que o assassino deixou para trás sua fotografia, no local do crime, com seu endereço assinalado? Ou não teria necessariamente de ficar satisfeito com vestígios fracos e obscuros da pessoa que estivesse procurando? Assim sendo, não subestimemos os pequenos indícios; com sua ajuda podemos obter êxito ao seguirmos a pista de algo maior. [...] Agindo dessa forma, realmente com afinco e sem preconceito ou sem prevenções, e tendo-se sorte, então, desde que tudo se relaciona com tudo, inclusive as pequenas coisas com as grandes, pode-se, mesmo partindo de um trabalho desprezível, ter acesso ao estudo dos grandes problemas.<sup>47</sup>

Esta surpreendente descoberta corrobora a importância que deve ser atribuída aos fatos pequenos ou irrelevantes, pois foi justamente no termo que aparece em apenas um dos textos da vasta obra de Freud, que encontramos a pista mais significativa de sua apreensão das categorias do *Método Indiciário*.

Ginzburg identifica um fator preponderante e que aproxima o pensamento de Giovanni Morelli, de Conan Doyle e de Sigmund Freud: a formação em medicina. Como a medicina constitui um aspecto estruturante do método de investigação indiciária de Morelli, Freud e Holmes? O próprio Ginzburg explica esta aproximação. Nos três casos, o modelo da semiótica médica fundamentou à valorização dos pormenores. A medicina constitui uma ciência que se empenha exaustivamente no diagnóstico de doenças

---

<sup>47</sup> FREUD, S. **Conferências introdutórias sobre psicanálise**. In: Edição Eletrônica das “Obras Completas de Freud”. Trad. Jayme Salomão. – São Paulo: Imago, 2000. vol. XV, Conferência II.

inacessíveis à observação direta. O médico elabora sua análise considerando sintomas que se manifestam de forma imediata, porém não despreza os sintomas que se apresentam de forma indireta ou imperceptível. Sua visão anato-patologista construída na formação acadêmica valoriza os pormenores fisiológicos que embora pequenos ou aparentemente irrelevantes, podem revelar algo surpreendente. Um médico atento aos detalhes e que aprendeu a duvidar das evidências, desenvolve um olhar treinado como um detetive a caça de pistas reveladoras. Evita a análise superficial e as conclusões precoces. Descobre que o diagnóstico resulta de uma análise detetivesca do processo saúde-doença.

## Capítulo 3

### **Singularidades e Categorias do Paradigma Indiciário**

Gabriel Pulice e Oscar Zelis em *La práctica de la investigación en relación al pensamiento mágico, la conjetura, el paradigma indiciario y la ciencia moderna* (2001) discutem ‘notas para se repensar a cientificidade’. Para Pulice e Zelis, podemos classificar as ciências indiciárias como “Ciencias de la Subjetividad” ou “Ciencias Conjeturales”. Estas ciências são geralmente apresentadas em oposição às “Ciencias Exactas”, “Ciencias Formales” ou “Ciencias Experimentales y Naturales”. Estas últimas estão alicerçadas no paradigma dominante desde Galileo Galilei. Os defensores deste modelo científico reforçam sua oposição ao modelo conjetural a partir de uma argumentação que está baseada na pretensão positivista de exatidão nos resultados e na previsão de determinados aspectos ou leis dos fenômenos estudados. As ciências experimentais confiam na rigorosidade positivista. Este rigor metodológico se vale do poderoso instrumento da abstração. Para estes pesquisadores, o método experimental é o método científico por excelência. Sua rigorosidade garante a quantificação e a comprovação dos fatos. Nas ciências conjeturais a ferramenta básica é a conjetura associada a fatores interdependentes: intuição, golpe de vista, observação dos pormenores, subjetividade. Seus defensores buscam uma rigorosidade científica flexível.

Sabemos que a realidade é multifacetada. Para interpretá-la, o pesquisador deve fazer uso de procedimentos coerentes com sua complexidade. O pesquisador atento a esta complexidade, deve fazer uso de procedimentos variados e flexíveis. O historiador, por vezes (ou muitas vezes), estabelece vínculos, relações e paralelismos que nem sempre estão diretamente documentados. Estas inferências são construídas como conjeturas delineadas por aspectos constituintes do contexto (econômico, social, político, cultural ou mental) onde os aspectos pesquisados aparecem. Estes aspectos estão atrelados a uma corrente ou cadeia de relações interdependentes e estruturantes da realidade total. São elos desta relação. Quando não estão diretamente documentados, o historiador deverá inferi-los a partir de sua relação com outros aspectos deste contexto. Este procedimento pode ser associado à habilidade de se deduzir as causas a partir dos efeitos.

O desenvolvimento das *Ciências da Subjetividade* foi impulsionado principalmente pelos avanços da lingüística e as investigações antropológicas de Lévi-Strauss. Em *Función y campo de la palabra y del lenguaje en psicoanálisis* (1953), J. Lacan explica que a “exactitud se distingue de la verdad, y la conjetura no excluye el rigor”.<sup>48</sup> Para Pulice e Zelis, estas palavras indicam que a conjetura deve ser considerada como ferramenta utilizada por todas as ciências, e contribui para seu desenvolvimento e teorização. Lacan está convencido de que a psicanálise pode ser incluída no grupo das *Ciências Conjeturais*. A verdade pretendida pela psicanálise não corresponde obrigatoriamente ao que se determina pelo método experimental e pela conjugação de objetividade, quantificação e mensuração da conduta. Rompendo com a formulação de cálculos exatos, a psicanálise valoriza a verdade subjetiva e conjetural. Para Lacan, “allí donde saber e verdad no pueden unirse va a hacer falta, necesariamente, una ciencia conjetural”.<sup>49</sup> Ao valorizar a conjetura na análise, o pesquisador descobrirá uma ciência com rigor flexível. Este procedimento conduz obrigatoriamente o pesquisador a utilizar uma lógica que esteja de acordo com o fenômeno investigado; definir o estatuto de verdade que busca; estabelecer parâmetros consistentes para aplicação da conjetura com critério e rigor. K. R. Popper em *Conjeturas y refutaciones. El desarrollo del conocimiento científico*, valoriza a conjetura na análise científica.

Sería un grave error concluir que la incerteza de una teoría, es decir, su carácter hipotético o conjetural, disminuye de algún modo su aspiración implícita a describir algo real. [...] Debemos recordar ante todo que una conjetura puede ser verdadera y, por lo tanto, describirnos un estado de cosas real. En segundo lugar, si es falsa, entonces contradice a un estado de cosas real (descrito por su negación, que será verdadera).<sup>50</sup>

Para Pulice e Zelis, o que diferencia as práticas científicas das não-científicas, é a forma como os processos conjeturais são utilizados, ou seja, a conjetura também constitui um diferencial condicionante do fazer ciência.

---

<sup>48</sup> LACAN apud GABRIEL PULICE y OSCAR ZELIS, op. cit., p.4, nota 20.

<sup>49</sup> LACAN apud GABRIEL PULICE y OSCAR ZELIS, Ibid., p.14.

<sup>50</sup> GABRIEL PULICE y OSCAR ZELIS, Ibid., p.15.

## Referências

BOAS, Franz. **Antropologia cultural**. Organização e tradução: Celso Castro. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BOURGUGNON, André. **História natural do homem: o homem imprevisto 1**. Coleção “Ciência e Cultura”. – Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

BURKE, Peter. **A revolução francesa da historiografia: a Escola dos Annales, 1929-1989**. São Paulo: Edusp, 1991.

\_\_\_\_\_. **Uma história da intimidade**. In: Céu & Inferno de Gilberto Freyre. Caderno mais! Folha de S. Paulo. São Paulo, março (12). 2000.

BURUCÚA, José E. **Conversación com Carlo Ginzburg: El largo aliento de la historia**. 2003. Disponível em <http://www.fce.com.ar/detallesnotaprensa.asp?IDN=140> - Acesso em: 19/06/2005.

CARDOSO, Fernando H. **Quase mito**. In: Brasil: frente e verso. Caderno mais! Folha de S. Paulo, São Paulo, setembro (28). 2003.

CARNELLI, Daniel. **La medicina y el saber conjetural**. In: Revista de la Sociedad de Medicina Interna de Buenos Aires. 2005. Disponível em [http://www.drwebsa.com.ar/smiba/med\\_interna/vol\\_05/05\\_02.htm](http://www.drwebsa.com.ar/smiba/med_interna/vol_05/05_02.htm) - Acesso em: 20/05/2005.

CHILDE, Vere Gordon. **A evolução cultural do homem**. – Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

DARNTON, Robert. **O grande massacre de gatos e outros episódios da história francesa**. – Rio de Janeiro: Graal, 1986.

DOYLE, A. Conan. **A caixa de papelão**. In: O círculo vermelho e outras aventuras de Sherlock Holmes. Rio de Janeiro: Tecnoprint S.A., 1990.

\_\_\_\_\_. **Um estudo em vermelho**. – São Paulo: Ática, 1988.

\_\_\_\_\_. **O signo dos quatro**. – São Paulo: Melhoramentos, 1988.

\_\_\_\_\_. **O cão dos Baskervilles**. – Rio de Janeiro: Tecnoprint S.A., 1990.

ECO, Humberto. **O nome da rosa**. – Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 1986.

ELIAS, N. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. vol.1. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FOLEY, Robert. **Os humanos antes da humanidade: uma perspectiva evolucionista**. – São Paulo: Ed. UNESP, 2003.

FREUD, S. **Conferências introdutórias sobre psicanálise**. In: Edição Eletrônica das “Obras Completas de Freud”. Trad. Jayme Salomão. – São Paulo: Imago, 2000. vol. XV, Conferência II.

\_\_\_\_\_. **O Moisés de Michelangelo**. In: Edição Eletrônica das “Obras Completas de Freud”. Trad. Jayme Salomão. – São Paulo: Imago, 2000. vol. XIII, parte II.

FREYRE, Gilberto. **Um brasileiro em terras portuguesas**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953.

\_\_\_\_\_. **Como e porque sou e não sou sociólogo**. Brasília: Ed. da UNB, 1968.

\_\_\_\_\_. **Gilberto Freyre e a nova história**. Tempo Social. S.Paulo, v.9, n.2, out, 1997.

GABRIEL PULICE, F. M. y OSCAR ZELIS. **La práctica de la investigación en relación al pensamiento mágico, la conjetura, el paradigma indiciário y la ciencia moderna: notas para repensar la cientificidad**. In: Revista Eletrónica de Epistemologia de Ciências Sociais. 2001. Disponível em <http://www.moebio.uchile.cl/12frames07.htm> - Acesso em: 23/03/2005.

GARCIA, Néelson J. **Zadig**. 2001. Disponível em [http://www2.uol.com.br/cultvox/livros\\_gratis/zadig.pdf](http://www2.uol.com.br/cultvox/livros_gratis/zadig.pdf) . Acesso em: 01/05/2005.

GINZBURG, C. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

\_\_\_\_\_. **A micro-história e outros ensaios**. Coleção 'Memória e Sociedade'. – Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

\_\_\_\_\_. **Indagações sobre Piero: o batismo, o ciclo de Arezzo, a flagelação**. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

\_\_\_\_\_. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. – São Paulo: Cia. das letras, 1989.

\_\_\_\_\_. **Relações de força: história, retórica, prova**. – São Paulo: Cia. das Letras, 2002.

\_\_\_\_\_. **Nenhuma ilha é uma ilha: quatro visões da literatura inglesa**. – São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

LEAKEY, Richard E. **A evolução da humanidade**. – São Paulo: Melhoramentos e Círculo do Livro; Brasília: Ed. UNB, 1981.

LÉPINE, Claude. **Cozinha e dieta alimentar na obra de Gilberto Freyre**. In: Kosminsky, E. V. et al. (orgs). **Gilberto Freyre em quatro tempos**. São Paulo: EDUSC, 2003.

LEWIN, Roger e LEAKEY, Richard E. **Origens: o que novas descobertas revelam sobre o aparecimento de nossa espécie e seu possível futuro**. – São Paulo: Melhoramentos; Brasília: Ed. UNB, 1981.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Os argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MORIN, Edgar. **O enigma do homem: para uma nova antropologia**. – Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

PALLARES-BURKE, Maria L.G. **Gilberto Freyre: um nordestino vitoriano**. In: Kosminsky, E. V. et al. (Orgs). **Gilberto Freyre em quatro tempos**. São Paulo: EDUSC, 2003.

PORTO, Marco Antonio Teixeira. **O crime perfeito: paixão e morte de um paradigma clínico**. Bio-Ciência, Niterói/RJ, 9 (1):63, 1997. Disponível em <http://www.uff.br/nesh/publica/crimeimp.htm> - Acesso em: 20/05/2005.

REIMÃO, Sandra Lúcia. **O que é romance policial**. – São Paulo: Brasiliense, 1983.

REIS, José Carlos. **As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC**. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.

RODRIGUES, Márcia Barros. **Razão e sensibilidade: reflexões em torno do paradigma indiciário**. In: *Dimensões* - Revista do Mestrado de História Social das Relações Políticas. – Vitória, UFES, 2005.

ROJAS, Carlos Antonio Aguirre. **El queso y los gusanos: un modelo de historia crítica para el analisis de las culturas subalternas**. In: Revista Brasileira de História. São Paulo, 2003. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rbh/v23n45/16521.pdf> - Acesso: 27/03/2005.

SOARES, Geraldo Antônio. **Gilberto Freyre, historiador da cultura**. Revista Afro-Ásia, (27). 2002.

VENTURA, Roberto. **Casa-Grande e Senzala**. – São Paulo: Publicafolha, 2000.

\_\_\_\_\_. **Casa-Grande e Senzala: ensaio ou autobiografia?** In: Seminário de Tropicologia “O Brasil e o século XXI – desafios e perspectivas”. Anais. Recife, 2001.